



COMUNICADO DE IMPRENSA

EMBARGO

O conteúdo desse release de imprensa e relatório não pode ser divulgado na mídia impressa, televisiva ou eletrônica até 14 de setembro 17:00 GMT

(14:00 de Brasília)

UNCTAD/PRESS/PR/2017/30*
Original: Inglês

AUSTERIDADE FISCAL GERA CONFLITO DE GÊNERO, DIZ UNCTAD

Genebra, 14 de setembro de 2017 – O novo relatório da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) afirma que as mulheres estão sendo excluídas de melhores oportunidades de trabalho – apesar do fato de que sua taxa de emprego aumenta, enquanto a dos homens diminui.

Segundo o **Trade and Development Report, 2017: Beyond Austerity – Towards a Global New Deal (Relatório de Comércio e Desenvolvimento 2017: para além da austeridade – rumo a um novo pacto global)**, a escassez de bons empregos tem levado a um maior racionamento por gênero do emprego. Essa escassez decorre das políticas predominantes, combinadas com forças da tecnologia e da mudança estrutural.

A maior participação das mulheres na força de trabalho não é garantia de crescimento inclusivo e desenvolvimento, enfatiza o relatório. “Há muito mais a fazer para alcançar a igualdade de gênero no trabalho do que aumentar a participação das mulheres nos mercados e nas reuniões de diretoria”, disse o secretário-geral da UNCTAD, Mukhisa Kituyi.

De acordo com os economistas da UNCTAD, excluir mulheres dos bons empregos aprofunda a desigualdade geral ao reduzir a parcela do trabalho na renda nacional, com consequências negativas para a demanda agregada e, em última instância, para o crescimento. Os bons empregos estão associados ao trabalho digno no setor formal, onde os ganhos são maiores, a ascensão na carreira mais acessível e as condições de trabalho mais bem regulamentadas.

O relatório conclui que é fundamental facilitar o acesso das mulheres ao emprego digno – especialmente por meio de investimentos de infraestrutura social que possibilitem às mulheres combinar melhor trabalho remunerado e responsabilidades assistenciais. Articular esses esforços com políticas de demanda, como políticas fiscais mais expansionistas, pode aumentar a demanda por trabalho, tornando o crescimento mais inclusivo para as mulheres ao mesmo tempo em que melhora as perspectivas econômicas dos homens.

Numa perspectiva de longo prazo – dados os desafios de emprego associados à mudança estrutural e tecnológica e o fato de que a responsabilidade primária pelo trabalho assistencial ainda recai sobre

* **Contatos:** Unidade de Comunicação e Informação da UNCTAD, 41 22 917 58 28, 41 79 502 43 11, unctadpress@unctad.org, <http://unctad.org/press>.

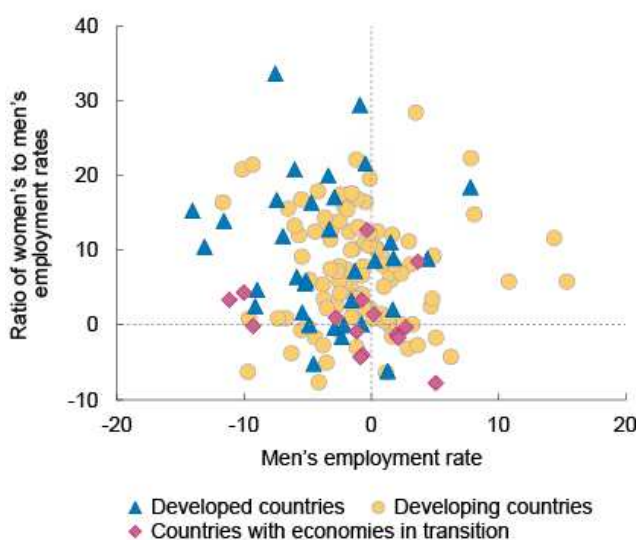
Para receber nosso material de imprensa, registre-se em <http://unctad.org/en/Pages/RegisterJournalist.aspx>.

as mulheres – a UNCTAD recomenda que a transformação das atividades assistenciais remuneradas e não-remuneradas em trabalho digno deve se tornar parte integral das estratégias destinadas a construir economias mais inclusivas.

Incluir mulheres, excluir homens?

Existe o risco de que uma maior igualdade de gênero no emprego torne-se fonte de conflito, em um contexto de ciclos de *boom* e colapso, austeridade e mobilidade do capital, em que o aumento nas taxas de emprego das mulheres (que acontece na maioria dos países) coincide com a queda das taxas de emprego dos homens. Trata-se de um fenômeno quase invisível e ainda pouco discutido e que, embora se manifeste de forma mais forte em economias mais avançadas, torna-se uma característica preocupante de mercados de trabalho em todo o mundo (ver figura).

Relação entre as taxas de emprego das mulheres e dos homens x taxa de emprego dos homens, 1991–2014 (Porcentagem)



Fonte: UNCTAD, 2017, *Relatório Comércio e Desenvolvimento 2017: Para Além da Austeridade – Rumo a um Novo Pacto Global* (publicação das Nações Unidas, Vendas N.º E.17.II.D.5, Nova Iorque e Genebra).

Nota: O quadrante superior esquerdo mostra que a razão entre as taxas de emprego das mulheres e dos homens aumenta quando a taxa de emprego dos homens diminui.

Entre o início da década de 1990 e 2014, a taxa de emprego caiu em 80% dos países desenvolvidos; a redução média, nos países onde isso ocorreu, foi de 5,3 pontos percentuais, enquanto a taxa de emprego das mulheres aumentou, em média, 2,3 pontos percentuais. No grupo de países em desenvolvimento, mais da metade registrou declínio (em média de 2,7 pontos percentuais) na taxa de emprego dos homens e aumento (de 6,3 pontos percentuais) na taxa de emprego das mulheres.

Percalços da industrialização mais custosos para mulheres do que para homens

O desaparecimento de trabalhos fabris tradicionais e o esvaziamento de comunidades industriais é uma das marcas da crescente desigualdade em países desenvolvidos, afetando de forma particularmente intensa os trabalhadores de meia-idade do sexo masculino. O número de empregos no setor industrial também está em declínio em muitos países em desenvolvimento que sofrem a desindustrialização precoce e a industrialização estancada; mas o impacto negativo é muito maior sobre o emprego industrial feminino do que sobre o masculino. Nos países em desenvolvimento, nos anos 1991-2014, o declínio na participação do emprego industrial, relativo ao emprego total, foi em média de 7,5% para os homens, em comparação com uma média de 39% para as mulheres.

O aumento do capital físico usado na produção industrial é particularmente oneroso para as mulheres. Com o aumento da intensidade de capital associado à automação, parece improvável que a revolução tecnológica no Sul venha a contribuir para o aumento da igualdade de gênero.